

# UM DESAFIO PARA O PESQUISADOR: a formulação do problema de pesquisa

ELISABETH JUCHEM MACHADO LEAL<sup>1</sup>

## Resumo

O artigo trata da formulação do problema de pesquisa, etapa decisiva para o desenvolvimento de toda investigação. Inicialmente, mostra através de exemplos algumas características desses problemas com o propósito de distingui-los de problemas que não se prestam à pesquisa científica. Na seqüência, analisa os elementos de que o pesquisador lança mão para elaborar o chamado quadro de referência, no contexto do qual se dá a explicitação do problema de pesquisa. Por último, mostra a importância da revisão da literatura para levar a bom termo essa etapa da pesquisa, garantindo ao pesquisador o apoio teórico de que necessita.

## Abstract

This article deals with the formulation of a research problem, which is a decisive stage in the development of any investigation. Initially, it demonstrates, by means of examples, some characteristics of these problems, with the aim of distinguishing them from problems that do not lend themselves to scientific research. Next, it analyses the elements which the researcher utilises when creating the so-called frame of reference, in the context of which the explicitation of the research problem occurs. Finally, it shows the importance of the literature review in bringing to a successful conclusion this stage of the research and guaranteeing to the researcher the necessary theoretical support.

<sup>1</sup> Mestre em Ciências Sociais – Universidade Federal de Santa Catarina. Professora aposentada da Universidade Federal de Santa Catarina. Membro da equipe do Departamento de Ensino e Avaliação – Pró-Reitoria de Ensino – Univali. E-mail: ejmleal@yahoo.com

## Palavras-chave:

Problema de pesquisa, quadro de referência, revisão da literatura.

## Key-words:

Research problem, frame of reference, literature review.

*Qdyhjdk#z#suhflvr  
Ylyhu#qflr#z#suhflvr  
Ihuqdggr#Shvvr*

## Pesquisar é preciso?

Enfatiza-se sempre, ao discutir o processo de pesquisa, que este implica em procedimentos metódicos, ordenados, sistemáticos, lógicos, pois são essas as características distintivas do fazer ciência. O trabalho científico refere-se a domínios especializados, nos quais os conhecimentos são sistematizados, e cujos pesquisadores devem chegar a um consenso intersubjetivo, entre outras questões, sobre os conceitos, os procedimentos e os critérios de validade dos conhecimentos produzidos. Assim sendo, deve-se concluir que pesquisar, como navegar, é preciso.

Impossível, no entanto, deixar de reconhecer, nesse processo, a criatividade, a inventividade, a articulação do que antes se pensava inarticulável, a quebra de paradigmas consagrados, a negação de conhecimentos tidos e havidos como irrefutáveis, “um modelo artesanal de ciência”. Impossível deixar de dar razão ao argumento de Becker (1999, p. 12), segundo o qual, nas ciências sociais (e humanas, por que não?) os pesquisadores “deveriam se sentir livres para inventar novas idéias e teorias quanto foram Marx, Weber e Durkheim”. É possível concluir, então, que pesquisar, como viver, não é preciso.

O paradoxo é justamente esse. A Metodologia da Pesquisa muitas vezes é tomada – talvez principalmente por quem não tenha maior familiaridade com ela – por receituário, mero manual de procedimentos. Basta segui-lo e pronto: tem-se uma pesquisa em andamento. Nada mais falso.

Talvez por concordar com quem afirma que só se aprende a pesquisar, pesquisando, é que reconheço a importância das obras, dos textos que tratam dos modos de fazer pesquisa e dos problemas inerentes a essa prática. Representam a contribuição de alguém que, ao pesquisar, está também aprendendo a pesquisar (pois não requer cada nova pesquisa novas aprendizagens sobre como pesquisar?), reflete sobre sua ação, busca as reflexões que outros pesquisadores fizeram sobre sua experiência, e oferece aos novos pesquisadores suas próprias reflexões.

Tem sido crescente o número de acadêmicos, não apenas de pós-graduação, como também de graduação, além de docentes, que se engajam em atividades de pesquisa – através de programas de pesquisa financiados ou não, ou em busca de bolsas de pesquisa – em decorrência dos esforços que as instituições de ensino superior estão desenvolvendo, nos últimos anos, com vistas à promoção de atividades de pesquisa, motivadas, por um lado, pelas recomendações de fóruns internacionais, por outro lado, como decorrência da pressão exercida pelo processo de avaliação ao qual têm sido submetidas pelo Ministério de Educação. A pesquisa vem, assim, ocupando um espaço cada vez mais relevante na vida e na formação acadêmicas.

Nem por isso se pode pensar que as dificuldades notadamente dos acadêmicos, relativas à prática da pesquisa vêm diminuindo ou estejam por desaparecer. A experiência como docente da disciplina Metodologia da Pesquisa permite perceber mais de perto e com maior frequência suas dificuldades com a proposição e o desenvolvimento de projetos de pesquisa. Das etapas desse processo parece-me ser a formulação do problema de pesquisa a que maior obstáculo representa para o acadêmico iniciante nas práticas de construção do conhecimento. É a essa questão – decisiva para o êxito de toda pesquisa – que este artigo se volta, buscando esclarecer aspectos relevantes para sua compreensão.

Por ser um processo complexo, e por ser de fato uma prática múltipla – notadamente nas Ciências Humanas que se diferencia em muitos dos seus procedimentos da pesquisa nas Ciências Naturais –, a discussão sobre seus procedimentos é sempre parcial, incompleta, estreitamente decorrente da visão de seu autor.

O artigo que segue privilegia uma das etapas do processo de pesquisa: a da formulação do problema de pesquisa, que pode ser considerada, sem exagero, a fase decisiva do processo. Inicialmente se procura mostrar, mediante exemplos, o que caracteriza os problemas de pesquisa, diferenciando-os de problemas que não se prestam à pesquisa. Em seguida, apresentam-se os elementos que concorrem para a explicitação do problema de pesquisa e discute-se como se articulam no interior do que é comumente chamado de *quadro de referência*. Por fim, mostra-se a importância da revisão da literatura para o êxito desta etapa de importância fundamental, pois orienta as demais decisões do processo, e que, se bem planejada, como dizem Laville e Dionne (1999), funciona como uma espécie de piloto automático da pesquisa.

## Todo problema é um problema de pesquisa?

Nem todos os problemas com que nos deparamos se prestam necessariamente à pesquisa científica. Um problema de pesquisa supõe a possibilidade de buscar informações a fim de esclarecê-lo, compreendê-lo, resolvê-lo ou contribuir para sua solução. Um problema de pesquisa, portanto, não é um problema que possa ser resolvido pela intuição, pelo senso comum ou pela simples especulação.

Consideremos os seguintes exemplos de problemas:

### A

1. O fracasso escolar deixaria de existir se toda e qualquer avaliação fosse banida do ensino fundamental?
2. Jovens negros devem ter acesso facilitado a vagas na universidade pública, em Santa Catarina?
3. As empresas devem dispensar funcionários para melhor enfrentar períodos de recessão?

### B

1. Quais as características que o fenômeno do fracasso escolar apresenta nas escolas da rede municipal de São João da Esperança?
2. Jovens negros concluintes do ensino médio têm acesso à universidade pública em Santa Catarina?
3. Quais as estratégias empregadas por empresas que ultrapassaram com êxito períodos de recessão?

As formulações que lemos na coluna A não caracterizam problemas de pesquisa, pois não cabe à ciência dizer o que *deve* ou *não deve* ser feito; além disso, o modo de sua expressão impede uma busca de dados, permite, no máximo, um levantamento de opiniões; no caso da primeira delas há ainda a agravante de remeter ao território da pura especulação.

Já as formulações que lemos na coluna B possibilitam que se verifique, por exemplo:

**em 1:** em que séries do ensino fundamental há maior incidência de reprovações? Como vem se comportando a taxa de fracasso escolar da rede municipal nos últimos anos? Que ações a Secretaria Municipal de Educação vem desenvolvendo para reduzir o fracasso escolar? Quais os resultados dessas ações nas escolas? Como os professores interpretam o fracasso escolar? Qual a origem social das crianças atingidas pelo fracasso escolar? etc.

**em 2:** qual a proporção de jovens negros concluintes do ensino médio que prestam vestibular nas universidades públicas de Santa Catarina? Qual a situação sócio-econômica das famílias dos jovens negros que prestam vestibular nas

universidades públicas de SC? Dos jovens negros que prestam vestibular nas universidades públicas de SC, quantos são aprovados? Como se distribuem os universitários negros pelos diversos cursos das universidades públicas de SC? Qual a trajetória escolar dos jovens negros aprovados no vestibular nas universidades públicas de SC? Etc..

**em 3:** que estratégias as empresas X, Y e Z (identificadas como empresas que enfrentaram com sucesso a recessão) desenvolveram com relação a seu quadro de pessoal, durante períodos de recessão? Que tratamento foi dado aos investimentos durante esses períodos? Foram introduzidas modificações no processo de produção durante esses períodos? Quais? Com que efeitos? Etc..

Uma primeira preocupação do pesquisador será, portanto, a de se certificar de que o problema que enuncia – melhor dizendo, o primeiro esboço de suas intenções de pesquisa – representa um verdadeiro problema de pesquisa, ou seja, que sua proposição justifica ou requer a realização de uma pesquisa, ainda que essa primeira formulação não seja definitiva, pois está sujeita a retificações, ajustes, reorientações, eis que a dinamicidade é uma das características do processo de pesquisa.

## Do que se necessita para formular o problema de pesquisa?

A fase de formulação, de explicitação do problema de pesquisa, é uma fase crucial em qualquer pesquisa, pois dela dependerão todas as demais decisões, o que significa dizer que a busca de clareza em relação ao problema é fundamental não apenas na elaboração do projeto, mas em todo o processo da pesquisa.

Um problema de pesquisa é formulado mediante a articulação ou a interação de diversos elementos, os quais explicitam a percepção do pesquisador de uma determinada porção da realidade social a ser compreendida ou desvelada. Esses elementos – constitutivos de nossas experiências – são constituídos, de acordo com Laille e Dionne (1999), por uma mistura de **conhecimentos e valores**.

**Os conhecimentos** – os autores acima citados distinguem, para fins de delineamento do problema de pesquisa, dois tipos de conhecimentos: *os fatos brutos* e *os fatos construídos* ou *generalizações*.

*Os fatos brutos* referem-se a dados existentes sobre a realidade. São fatos brutos, por exemplo, os seguintes: em 1999, a população brasileira era formada por 54% de brancos e 45,3% de negros e pardos; a taxa de analfabetismo era de 8,3% entre brancos e de 19,8% entre negros (Escóssia, 2002). Qual a utilidade de um conhecimento desse tipo para o pesquisador ao planejar e executar sua pesquisa? Embora o simples conhecimento desses fatos não possibilite ao pesquisador a compreensão do fenômeno do racismo, permite que tome consciência dos pelo

problemas que essa realidade comporta, que se situe em relação a ela e se instrumentalize para examiná-la e questioná-la, além do que pode ser importante para a contextualização do problema que eleger para investigar.

Os *fatos construídos* ou *generalizações* são conhecimentos elaborados para explicar conjuntos de fatos brutos; resultam, portanto, de interpretações. Por exemplo, um pesquisador, ao analisar as desigualdades entre negros e brancos existentes na sociedade brasileira à luz de sua história, pode concluir que entre nós as formas como a discriminação racial se expressa remetem tanto a características da colonização portuguesa como à própria escravidão. Essa conclusão é uma generalização.

Os conceitos e as teorias são generalizações imprescindíveis à pesquisa. Os primeiros são “representações mentais de um conjunto de realidades em função de suas características comuns essenciais” (Laville; Dionne, 1999, p. 91). Em pesquisa, a maioria dos conceitos representa realidades abstratas.

Tomemos, por exemplo, o conceito de racismo: “preconceito extremado contra indivíduos pertencentes a uma raça ou etnia diferente, geralmente considerada inferior” (Houaiss; Villar, 2001, p. 2373). O conhecimento dos atributos desse conceito (ou seja, das realidades que o conceito recobre) permite ao pesquisador se perguntar se há racismo na sociedade brasileira ou se há racismo na universidade, na escola pública, na empresa ou em alguma outra organização; como e sob quais circunstâncias esse preconceito se manifesta; quais são os grupos étnicos discriminados; quais as características dos grupos discriminados que são tidas como “inferiores” por aqueles que os discriminam, etc. Podemos ver, portanto, que os conceitos são indispensáveis ao pesquisador – verdadeiras ferramentas de trabalho –, pois aumentam sua capacidade de ler, questionar e desvelar o real.

Laville e Dionne (1999) observam que todas as disciplinas possuem alguns conceitos que marcam sua identidade e apontam seus objetos de estudo<sup>2</sup>. De fato, os conceitos têm um papel decisivo na pesquisa pois, além de fornecerem as bases para a observação do que é relevante, orientam o pesquisador quanto às questões mais pertinentes a serem levantadas para a análise do fenômeno e quanto ao enfoque sob o qual conduzir sua pesquisa.

As *teorias* também são generalizações, porém de grande envergadura, como, por exemplo, a teoria das organizações, a teoria da gravitação universal, a teoria geral dos sistemas e inúmeras outras. Uma teoria tem valor explicativo: generaliza explicações tiradas de fatos que foram estudados para sua construção. Também tem valor analítico, pois o pesquisador a usa para o estudo de outros fatos ou realidades similares. Nas palavras de Demo (1990, p. 23): “Quem dispõe de boa teoria, diante do dado sabe interpretar, ou pelo menos sabe propor pistas de interpretação possíveis”.

Os resultados das pesquisas de outros pesquisadores, suas interpretações das realidades que investigaram estão à disposição, na bibliografia especializada, de todo aquele que estiver construindo seu projeto de pesquisa. É claro que o pesquisador que dispõe de conhecimentos interpretativos acumulados, fruto de

<sup>2</sup> Exemplificando: conceitos em Sociologia e Antropologia: grupos, classes, normas, cultura, etc.; em Economia: recursos, produção, trocas, escassez, etc.; em História: transformação, mudança, duração, período, etc.

estudos e leituras – ou seja, que dispõe de um maior “repertório” teórico está mais bem capacitado a observar o real, a questioná-lo e a compreendê-lo do que outro que não dispõe desses conhecimentos.

Pesquisa significa busca de respostas, de soluções. Nenhum pesquisador empreende essa busca às cegas; muito pelo contrário, seu pensamento e suas decisões são guiados, ao longo de todo o processo de pesquisa, pelo *referencial teórico* ou *quadro de referência* que elaborou.

**Os valores** – São representações mentais do que é bom, desejável ou ideal; expressam preferências, inclinações pessoais. Assim como para qualquer pessoa, os conhecimentos ganham sentido para o pesquisador através de seus valores.

Ao se conscientizar de um problema, o pesquisador o faz a partir de uma observação e de uma “leitura” do real e por meio de um quadro de referência determinado. Esse quadro de referência é composto pelos conhecimentos adquiridos pelo pesquisador, aos quais, no entanto, confere peso variável devido aos seus valores pessoais. Pode-se dizer, então, que os caminhos da pesquisa são iluminados pelos valores do pesquisador.

As teorias, especialmente as teorias sociais, repousam sobre valores; são, de certa forma, expressões de ideais. A valorização, pelo pesquisador, desta ou daquela teoria fará com que dirija sua atenção para diferentes fatos sob diferentes perspectivas. Do que resultarão diferentes leituras do real e, conseqüentemente, conclusões diversas, como mostra Triviños (1987, p. 96):

“No enfoque positivista, por exemplo, a formulação do problema deve ressaltar as relações entre os fenômenos, sem aprofundar a busca das causas. Na linha teórica fenomenológica, o significado e a intencionalidade possivelmente sejam colocados em relevo. Entretanto, no estudo de natureza dialética destacar-se-ão os aspectos históricos, as contradições, as causas etc.”

“O jogo de um conjunto de conhecimentos variável, amplamente definido e orientado por nossos valores está, portanto, na origem da percepção de um problema de pesquisa”, alertam Laville e Dionne (1999, p. 96), como também conduzem a busca do pesquisador pelas respostas, ou seja, definem os caminhos que vai trilhar em sua aproximação da realidade.

Ainda devem ser mencionados os *valores metodológicos* “...que nos fazem estimar que o saber construído de maneira metódica, especialmente pela pesquisa, vale a pena ser obtido e que vale a pena seguir os meios para nele chegar” (Laville; Dionne, 1999, p. 96). E que nos fazem também privilegiar determinados métodos em razão da concepção de ciência que assumimos (e da qual precisamos nos conscientizar, caso ainda não o tenhamos feito).

A preocupação com o método está presente em todo projeto de pesquisa que se pretende sério, rigoroso, pois é preciso não esquecer que a diferença entre ciência e outros saberes está justamente no método. A busca de clareza sobre o método

pesquisado é, portanto, parte integrante do processo de esclarecimento do problema de pesquisa. Isto porque a discussão sobre os modos de explicá-lo (isto é, sobre o método) é parte desse esclarecimento.

## Como trabalha, então, o pesquisador para formular o problema?

O pesquisador conscientiza-se de um problema de pesquisa a partir dos conhecimentos de que dispõe e que ganham sentido em função de seus valores. Sua percepção inicial do problema pode ser bastante intuitiva, bem como os prováveis eixos da investigação. Em seguida deve explicitar o problema, descrevendo-o de modo metódico e racional, objetivando-o, portanto.

Laville e Dionne (1999, p. 98) chamam a isso de “operação de desvendamento”, que consiste “...em jogar o mais possível de luz sobre as origens do problema e as interrogações iniciais que concernem a ele, sobre sua natureza e sobre as vantagens que se teria em resolvê-lo, sobre o que se pode prever como solução e sobre o modo de aí chegar”.

Essa operação, portanto, faz com que o pesquisador especifique seu problema de pesquisa, circunscreva-o, delimite-o e, progressivamente, decida quais as questões mais pertinentes para esclarecê-lo. O bom resultado dessa etapa fundamental do processo de pesquisa depende em larga medida de uma competente *revisão da literatura*, pois é ela que vai garantir ao pesquisador o indispensável apoio teórico de que necessita.

Ler e analisar o que produziram outros pesquisadores, que anteriormente pesquisaram realidades e fatos de alguma forma semelhantes a seu objeto de estudo, possibilita ao pesquisador selecionar tudo aquilo que possa servir em sua pesquisa. Apropriando-se desses conhecimentos e articulando-os aos que já possui – decorrentes de sua experiência pessoal, de sua trajetória de vida –, refina suas perspectivas teóricas, aguça a percepção de seus próprios valores, torna mais articuladas suas intenções, aclara e objetiva seu “aparelho conceitual”.

Tal *revisão da literatura* não significa, no entanto, leituras pela metade de uma ou duas obras, recorte e colagem de trechos pirateados da internet para produção de um número previamente determinado de páginas ou, pior ainda, a encomenda de textos produzidos por “escritórios especializados”. Significa, sim, *imersão na literatura*; somente um mergulho na literatura pertinente ao seu tema de pesquisa vai garantir ao pesquisador verdadeiro contato com o trabalho de outros pesquisadores, indispensável para estimular sua imaginação quanto aos caminhos e procedimentos de sua própria pesquisa.

Considero que os roteiros de projetos de pesquisa, adotados por agências de apoio à pesquisa, ao apresentarem separadamente os tópicos “problema de pesquisa” e “revisão bibliográfica” (ou “fundamentação teórica”) não favorecem a compreensão, por quem se inicia na pesquisa, pois a descrição do problema de pesquisa deva se dar no âmbito da discussão teórica do objeto de estudo. Isso porque é objetivo da pesquisa científica – e, conseqüentemente, tarefa do pesquisador – o desvendamento do real, o que requer um esforço do pensamento para penetrar sua aparência em busca daquilo que ela recobre e do seu significado.

O processo de descrição do problema de pesquisa, que resulta da apropriação do conhecimento teórico disponível e sua articulação com a experiência pessoal, é trabalho árduo, mas profícuo. É nesse processo que as múltiplas questões implicadas no problema vão se evidenciando, tornando-se o pesquisador gradativamente mais capaz, ao distingui-las, de selecioná-las e hierarquizá-las, de tal sorte que, ao cumprir essa etapa da construção do projeto de pesquisa, já terá clareza sobre as perguntas (ou hipóteses) de pesquisa que sintetizam os principais eixos orientadores do desenvolvimento da pesquisa.

Enfim, admitindo-se que pesquisar significa, essencialmente, promover o confronto entre o conhecimento teórico acumulado e as evidências empíricas (Lüdke; André, 1986), todo o “investimento” que o pesquisador fizer na formulação do problema de pesquisa resultará em consistência da investigação e segurança no seu desenvolvimento. O que lhe possibilitará enfrentar os imprevistos e as imprecisões que a aproximação do real reserva àqueles que se propõem a desvendá-lo.

## Referências

- BECKER; H.S. **Métodos de pesquisa em Ciências Sociais**. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.
- DEMO, P. **Pesquisa: princípio científico e educativo**. São Paulo: Cortez; Autores Associados, 1990.
- ESCÓSSIA, F. Brasil negro é 101° em qualidade de vida. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 6 jan. 2002. p. C1.
- HOUAISS, A.; VILLAR, M. de S. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- LAVILLE, C.; DIONNE, J. **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em Ciências Humanas**. Porto Alegre: Artmed; Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1999.
- LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.
- TRIVIÑOS, A.N.S. **Introdução à pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.